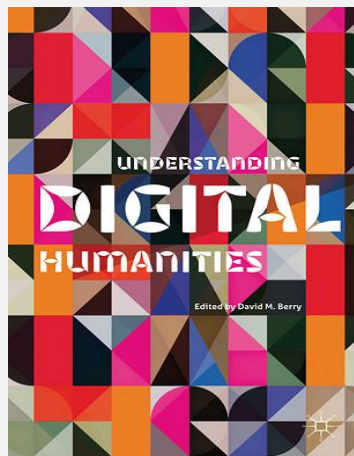




## **RECENSÕES CRÍTICAS**

Berry, D. M. (Ed.). (2012). *Understanding Digital Humanities*. Houndmills Basingstoke Hampshire; New York: Palgrave Macmillan.



A obra *Understanding Digital Humanities*, editada por David M. Berry, em 2012, integra um conjunto de textos acerca do conceito de humanidades digitais e dos vários campos a que se aplica.

As *digital humanities*, ou humanidades digitais, constituem um domínio científico recente: o termo foi utilizado pela primeira vez há menos de uma década, na obra *Companion to Digital Humanities*, publicada em 2004, passando a substituir as expressões *computing in the humanities*, ou *humanities computing*, usadas até então com o mesmo sentido, mas com um significado menos abrangente dado que se reportavam sobretudo ao meio através do qual se processava a informação. A designação *digital humanities* implantou-se desde logo pelo seu carácter sintético e apelativo, transmitindo uma identidade própria, mas também porque ultrapassa a mera referência ao uso do computador como ferramenta de investigação para se referir a uma nova epistemologia das ciências sociais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Informação e da Documentação pela Universidade de Évora; Mestre em Estudos de Informação e Bibliotecas Digitais, pelo ISCTE-IUL; Pós-graduada em Ciências da Informação e da Documentação, variante Bibliotecas, pelo ISLA – Universidade Europeia; Licenciada em Física, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É membro integrado do Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora/Fundação para a Ciência e Tecnologia, como investigadora na Linha 3 – Bibliotecas, Literacias e Informação no Sul (CIDEHUS-UÉ/FCT – LIBIS). É bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Integrou a equipa que iniciou e desenvolveu o projecto da biblioteca digital na Biblioteca Nacional e, na DigiCult - Produções Digitais, de que é sócia, tem realizado a metacodificação e edição digital para as bibliotecas digitais da Universidade de Lisboa e da Universidade de Coimbra, entre outras.

A obra *Understanding Digital Humanities* resulta do workshop *The Computational Turn* organizado em Março de 2010, pela University Swansea School of Arts and Humanities, no País de Gales, com o objectivo de analisar e promover a utilização das novas tecnologias de computação e visualização pelos investigadores de artes e humanidades, geralmente relutantes em abandonar os modelos tradicionais de estudo em bibliotecas e arquivos e de divulgação em suporte papel destinada ao grupo restrito dos pares. Não se configura como actas do evento, dado que não inclui a totalidade das comunicações apresentadas e é complementada com contributos de outros autores.

A obra inicia com o texto introdutório “Introduction: understanding the digital humanities”, da responsabilidade do editor David M. Berry e compreende mais quinze artigos, descritivos ou analíticos, versando casos de estudo, metodologias e aplicações das humanidades digitais à investigação em ciências humanas; “An interpretation of digital humanities”, por Leighton Evans e Sian Rees; “How we think: transforming power e digital technologies”, por N. Katherine Hayles; “Digital methods: five challenges”, por Bernhard Rieder e Theo Röhle; “Archives in media theory: material media archaeology e digital humanities”, por Jussi Parikka; “Canonicalism e the computational turn”, por Caroline Basset; “The aesthetics of hidden things”, por Scott Dexter; “The meaning and mining of legal texts”, por Mireille Hildebret; “Have the humanities always been digital? for an understating of the 'digital humanities' in the context of originary technicity”, por Federica Frabetti; “Present, not voting: digital humanities in the panopticon”, por Melissa Terras; “Analysis tool or design methodology? Is there an epistemology for patterns?”, por Dan Dixon; “Do computers dream of cinema? film data for computer analysis e visualization”, por Adelheid Heftberger; “The feminist critique: mapping controversy in Wikipedia”, por Morgan Currie; “How to compare one million images?”, por Lee Manovich; “Cultures of formalisation: towards an encounter between humanities e computing”, por Joris Van Zundert, Smiljana Antonijevic, Anne Beaulieu, Karina van Dalen-Oskam, Douwe Zeldenrust, e Tara L. Erews; “Transdisciplinarity and digital humanities: lessons learned from developing text-mining tools for textual analysis”, por Yu-wei Lin.

Os vários artigos desenvolvem-se em torno da mudança de paradigma na aquisição e produção do conhecimento causada pela introdução de ferramentas digitais. “These subtractive methods of understanding culture (episteme) produce new knowledges and methods for the control and archives (techne).” (Berry 2012, p. 2) Num registo transversal a todas as contribuições, são evidenciadas as aplicações das novas tecnologias para otimizar o acesso e a visualização dos conteúdos, apresentando processos inéditos de leitura dos documentos. Genericamente, também, discutem as aplicações das humanidades digitais e

respectivas implicações, tendo como suporte as novas tecnologias de informação, sugerindo novos modelos de colaboração interdisciplinar. Enquanto, tendencialmente, as humanidades digitais e a programação se encontram em distintas áreas de conhecimento, esta constitui uma tentativa de discussão dos respectivos conceitos, tendo como principal objectivo uma recíproca aproximação teórica e empírica. Esta obra constitui, por isso, uma das mais significativas abordagens neste âmbito, sendo que a investigação em humanidades digitais passa pela análise do processamento da informação através das técnicas computacionais.

Destaca-se o texto de Leighton Evans e Sian Rees, "An Interpretation of Digital Humanities", fundamental para a compreensão das humanidades digitais, através da análise das suas potencialidades, mas também dos desafios que se lhes colocam. Neste artigo, tem particular interesse uma nova noção de leitura, no sentido em que, actualmente, o investigador transferiu para a máquina algumas das tarefas que lhe estavam tradicionalmente cometidas, como a selecção prévia dos dados ao lançar uma pesquisa num motor de busca. Por outro lado o trabalho colaborativo é facilitado, ao permitir que os investigadores, sediados em vários pontos do globo, possam participar no mesmo projecto à distância através da comunicação virtual.

Outro aspecto pertinente, consiste na análise dos pontos fortes e fracos do estado actual das humanidades digitais. A utilização dos computadores é particularmente adequada a processamento da informação em bloco pois elimina o erro humano, embora não anule a subjectividade uma vez que a construção dos algoritmos é humana. Em contrapartida, manifestam algumas reservas em relação à tradução automática, a qual ainda não atinge o rigor do trabalho humano, denunciando algum receio de que não siga a metodologia das humanidades nem corresponda aos seus objectivos. Por outro lado, e considerando que um dos motores das humanidades digitais é a digitalização e a respectiva colocação em linha, os autores defendem que a utilização e a reutilização da informação conduzem à necessidade de novos modelos de direito de autor.

As humanidades digitais devem integrar as novas técnicas de análise e processamento da informação e as novas formas de investigação, sem descuidar a tradição, preservando a complexidade, a análise em profundidade, a crítica e a interpretação que são apanágio das ciências humanas. Dado que as novas tecnologias aumentaram exponencialmente o acesso à informação, as humanidades digitais procuram criar novos métodos para lidar com um volume crescente de dados disponíveis e corresponder às tradicionais tarefas de selecção, redução, organização e conceptualização.